

# ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: CONSUMIDORES, EXCLUÍDOS E CORROSÃO DO CARÁTER NA CONTEMPORANEIDADE

BRAVE NEW WORLD: THE CONSUMERS, THE MARGINALIZED AND THE  
CORROSION OF CHARACTER IN THE CONTEMPORARY TIMES

ADMIRABLE MUNDO NUEVO: CONSUMIDORES, EXCLUIDOS Y CORROSIÓN  
DE CARÁCTER EN CONTEMPORÁNEO

Mauricio Gonçalves SALIBA<sup>1</sup>  
Thiago PELOGIA<sup>2</sup>

**SUMÁRIO:** 1. Introdução; 2. Modernidade líquida e sociedade dos consumidores; 3. A busca por prazer realizada por meio da síndrome consumista; 4. Incerteza, angústia, busca por prazer e corrosão do caráter; Considerações Finais; Referências.

**RESUMO:** A condição histórica disposta no mundo contemporâneo evoca em nossa mente a consciência de uma nova realidade de condição social, efetivamente distinta daquela que outrora fora denominada de Modernidade. Chamada por Bauman de *Modernidade Líquida*, essa nova condição se constrói por meio de relações *líquidas e descartáveis*, mediadas a partir da chamada *síndrome consumista* no tocante à organização social, enquanto macro e microestrutura. Nesse sentido, o presente artigo visa a analisar como a busca por prazer realizada nos parâmetros da *síndrome consumista* afeta a construção do *caráter* do sujeito, a partir do pensamento de Zygmunt Bauman e Richard Sennett.

**ABSTRACT:** The disposed historical condition, in the contemporary world, evokes in our minds the consciousness of a new reality of social status, effectively distinct from what was once called Modernity. Called as “Liquid Modernity” by Bauman, this new condition is constructed over liquid and disposable relationships, mediated from the named consumerist syndrome regarding the social organization as macro and microstructure. In this sense the present article seeks to analyze how the search for pleasure performed on the parameters of consumerist syndrome affects the

---

<sup>1</sup> Mestre e doutor em educação pela UNESP; professor do Programa de Mestrado da Universidade Estadual do Norte do Paraná e autor do livro “O olho do poder: análise crítica da proposta educativa do estatuto da criança e do adolescente”. Editora UNESP: São Paulo, 2006.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).  
Artigo submetido em 21/05/2014. Aprovado em 21/06/2014

construction of character of a subject, from the thought of Zygmunt Bauman and Richard Sennett.

**PALAVRAS-CHAVE:** exclusão, consumismo, caráter, capitalismo.

**KEYWORDS:** Exclusion; consumerism; character; capitalism.

## 1. INTRODUÇÃO

As vozes do mundo contemporâneo proclamam quase que em uníssono que as condições em que se constroem as relações humanas nas sociedades já não são mais aquelas que se construía nos parâmetros do que outrora chamávamos de Modernidade. E mesmo quando nos colocamos a pensar no período fordista de desenvolvimento da indústria capitalista ainda tão presente em nossas memórias e nas organizações sociais que ele circunscrevia no seu processo progressista totalizante, percebemos de forma clara e distinta que tal aspecto da dinâmica social não se dá mais da mesma maneira como era. Acerca dessa problemática, filósofos, sociólogos, historiadores, economistas e diversos pensadores se debruçaram e escreveram – e continuam constantemente escrevendo – milhares de ensaios, tratados, conferências e diversos outros estudos buscando explicar tanto a natureza desses processos quanto seus modos de desenvolvimentos, aspectos e consequências sociais e possíveis intervenções práticas, cada qual com suas posições ideológicas de pensamento e ação<sup>3</sup>. Mas, em suma, o que se apresenta a nós é uma condição totalmente nova de sociedade que se organiza de forma mais *líquida* e *flexível*<sup>4</sup>, efetivamente distinta de sua antecessora a Modernidade, *sólida* e *pesada*.

Por sua vez, a questão do prazer enquanto problemática filosófica nos remete, quase imediatamente, ao seu defensor mais famoso e polêmico na Grécia Antiga: Epicuro de Samos (342/341 a.C.). O hedonismo epicureu teorizado pelo Mestre do Jardim como centro inenarrável de sua Ética fora por tempos suprimido pela Ética Cristã, que protela o prazer para um mundo transcendental, para além deste: restaram nessa época apenas, “pelo assim dizer, cinzas da doutrina dos epicureus” (ULLMANN, 2010, p. 99). Mas, com a Renascença e o Iluminismo, a questão do prazer enquanto problemática filosófica volta a ser discutida a partir do pensamento epicureu – como na obra *Elogio da Loucura* de Erasmo de Roterdã e através dos tradutores e comentadores das obras de Epicuro e de Diógenes Laércio, como Gassendi – e como centro de sistemas éticos, sociais e jurídicos – como no *Utilitarismo* de Bentham e Mill. Desse modo, o prazer volta a ser motivo de reflexões fora do cenário transcendental e metafísico em que o cristianismo o tinha circunscrito.

Com base nisso, o presente artigo buscou realizar, em primeira instância, uma análise de como a busca por prazer é realizada nos parâmetros das sociedades

---

<sup>3</sup> Como Lyotard em *A condição Pós-Moderna* (2004), Baudrillard em *Simulacros e Simulação* (1991) e *Sociedade de Consumo* (2007), David Harvey em *Condição Pós-Moderna* (1992), Gilles Lipovetsky em *Tempos Hipermodernos* (2004), Bauman e Sennett em diversas obras publicadas, entre outros.

<sup>4</sup> *Líquida* nos termos de Bauman, descritos em sua obra *Modernidade Líquida* (2001), e *Flexível* nos termos de Sennett em *A Corrosão do Caráter* (2012).

contemporâneas – uma vez que tais sociedades se caracterizam de modo distinto das de outrora. Para isso, buscar-se-á analisar de antemão o período contemporâneo a partir do pensamento de Zygmunt Bauman acerca do funcionamento das sociedades de nosso tempo, calcando-se principalmente nos conceitos *síndrome consumista*, *liquidez* e *descartável*. Por conseguinte, será desenvolvida uma análise de como essa busca por prazer realizada nos parâmetros das sociedades contemporâneas afeta a formação do caráter do indivíduo que a realiza. Para isso, deve-se realizar uma relação entre os conceitos e a compreensão de Bauman acerca da condição contemporânea em paralelo com as noções de construção e *corrosão do caráter* de Richard Sennett.

## 2. MODERNIDADE LÍQUIDA E SOCIEDADE DOS CONSUMIDORES

A presente condição social é chamada por Bauman de Modernidade Líquida. É a partir dessa compreensão que Bauman desenvolve todos seus estudos acerca dos processos de formação, desenvolvimento e funcionamento de tais sociedades. Esse conceito desenvolvido por Bauman, na obra *Modernidade Líquida* (2001), para explicar a condição atual afirma que tal condição é fruto de um processo histórico que teve início com a Modernidade e que se desenvolve constantemente nas atividades de liquefação dos sólidos – ou seja, na dissolução dos antigos paradigmas parametrizadores do pensamento, em detrimento da criação de novos sólidos. A Modernidade é, assim, dividida em dois momentos: a chamada Modernidade Sólida – desde sua gênese até meados dos anos 1970 – e a Modernidade Líquida – presente até o momento. Caracterizemos, pois, as duas.

Entende-se por Modernidade Sólida todo o período em que o pensamento, as reflexões, as teorias éticas e sociais – e mesmo econômicas, como o fordismo – eram regidos, em linhas gerais, por uma ambição e um espírito totalizante e de pretensões *universalizantes*: o conceito de *cogito* de Descartes; ou a *Razão Transcendental* de Kant e seu *Dever* expresso no Imperativo; ou mesmo no *Absoluto* de Hegel em sua Dialética; todos esses “empreendimentos” filosóficos rumavam para um princípio totalizante que desse conta de compreender, estruturar, organizar e normatizar a vida do homem que dava seus primeiros passos no *processo de civilização moderna*. O plano social e econômico de desenvolvimento também seguiu esse espírito de pretensões universalizantes, guiados pelo entusiasmo e euforia dos novos processos de produção a partir da Revolução Industrial – até seus rebentos mais ardorosos como no fordismo do século XX: “o fordismo era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase ‘pesada’, ‘volumosa’, ou ‘imóvel’ e ‘enraizada’, ‘sólida’” (BAUMAN, 2001, 69). Nesse período, portanto, a crença era de que a Razão poderia dar conta de explicar a Natureza, compreender suas leis, domesticá-la e usá-la ao nosso favor. A vida social também procederia da mesma forma, calcada na ordem da racionalização e do progresso, da fixidez de objetivos e da solidez nas ações dentro da sociedade, ditadas pelas chamadas Supremas Repartições – as instituições coercitivas que possuíam o poder de universalização e da ordem, como Estado, Igreja, Escola, Indústria etc.: “A Ética na Modernidade é uma regra capaz de enunciar quais condutas são possíveis ou não dentro de um grupo, a fim de manter sua coesão e promover a convivência. Trata-se de um projeto universal(izável)” (AQUINO, 2011, p. 37).

Tal período é caracterizado por Bauman como uma “sociedade produtivista” ou “sociedade de produtores” (BAUMAN, 2008, p. 72), ou também nos termos de Bauman e Sennett como o período do “Capitalismo Pesado” (BAUMAN, 2001, p. 69). As atividades de produção eram enfaticamente direcionadas para a coletividade do trabalho realizada numa *divisão do trabalho social*, gerando a ideia de uma *solidariedade orgânica* – nos termos de Durkheim (2010). Esse processo se desenvolvia em uma base de compromisso e lealdade dentro da fábrica, liderados pelos grandes chefes de produção, que ditavam os objetivos fixos e lineares, guiando-os até eles. Essa “velha ética do trabalho baseava-se no uso autodisciplinado do nosso tempo, pondo-se a ênfase mais na prática voluntária, autoimposta, que na simples submissão passiva a horários ou rotina” (SENNETT, 2012, p. 119).

Em suma, a chamada Modernidade Sólida era aquela que circunscrevia seus participantes em um projeto universalizante por meio da Razão. A História se construía linearmente sobre o terreno muito bem fundamentado das grandes regras de conduta e parâmetros de pensamento e ação desenvolvidos pelas Supremas Repartições e pelos chamados “peritos” (BAUMAN, 1997). E como nos narra Weber, parafraseando Benjamin, o espírito do capitalismo daquela época incitava que “as pancadas de teu martelo que teu credor escuta às oito da noite o deixam seis meses mais sossegado;” [...] (WEBER, 2007, p. 43). Em linhas gerais, essa era a Modernidade Sólida, a sociedade produtivista, da ordem e da Razão.

Mas, como dito anteriormente, o processo histórico de nascimento da chamada Modernidade Líquida se deu, segundo Bauman (2001), desde o nascimento da Modernidade, ainda em sua variedade sólida, através do processo de liquefação dos sólidos medievais: no início, “os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração”, então “era necessário primeiro livrar-se do entulho com que a velha ordem sobrecarregava os construtores” (BAUMAN, 2001, p. 10). Desse modo, a Modernidade foi desde seu início um processo de liquefação, que passou a derreter os antigos sólidos pré-modernos que já estavam obsoletos:

[...] isso seria feito não para acabar de uma vez com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para novos e aperfeiçoados sólidos, para substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável (BAUMAN, 2001, p. 09).

Esse “empreendimento” da Modernidade buscou de forma veemente desempenhar seu papel através da Razão – como vimos anteriormente –, porém esse mesmo processo “levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos” (BAUMAN, 2001, p. 10). Isso fez com que os sólidos que eram derretidos pelas forças da Modernidade fossem impedidos gradualmente de serem modelados e solidificados em outra forma: manter os fluídos em uma forma é uma missão quase sempre impossível, pois “requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo – e mesmo assim o sucesso do esforço é tudo menos inevitável” (BAUMAN, 2001, p. 15). Desse modo, a única solidez que passou a existir nas sociedades foi a da nova ordem estabelecida, a ordem do Mercado:

Essa nova ordem deveria ser mais “sólida” que as ordens que substituíra, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica. [...] essa ordem veio dominar a totalidade da vida humana porque o que quer que pudesse ter acontecido nessa vida tornou-se irrelevante e ineficaz no que diz respeito à implacável e contínua reprodução dessa ordem (BAUMAN, 2001, p. 11).

Essa nova ordem, ao adentrar a rede de relações humanas, quebrou, por meio das novas tecnologias, a barreira espaço/tempo que existia, acelerando à enésima potência as relações sociais, transformando-as em fluídas e dando início à chamada Modernidade Líquida:

“Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo (BAUMAN, 2009, p. 7).

Os antigos princípios totalizantes da Razão que até então buscavam delinear os modos de vivência social, os objetivos humanos coletivos e individuais e que construíam solidamente as estruturas da trajetória humana na busca pelos objetivos claramente fixados são agora derretidos pela nova ordem e pela nova dinâmica social, pulverizados em inúmeras possibilidades nunca antes vistas, ambivalentes e imprevisíveis, que aparecem e desaparecem tão rapidamente, antes mesmo que possamos sequer pensar sobre elas. A antiga Sociedade Produtivista, muito bem representada pelo fordismo ferrenho, dá lugar a uma nova sociedade, a Sociedade de Consumidores, ou seja, “um tipo de sociedade que [...] ‘interpela’ seus membros [...] *basicamente na condição de consumidores*”:

[...] a *sociedade* de consumidores representa um conjunto peculiar de condições existenciais em que é elevada a probabilidade de que a maioria dos homens e das mulheres venha abraçar a cultura consumista em vez de qualquer outra, e de que na maior parte do tempo obedeçam aos preceitos dela com máxima dedicação (BAUMAN, 2008, p. 70).

A nova condição evoca, então, uma nova estrutura, líquida e de consumo. Essa nova ordem da vida humana aponta para novos parâmetros de relação interpessoal, construídos agora longe dos princípios da “antiga” Razão esclarecedora – no sentido kantiano – e apresentam um terreno muito mais dúbio e efêmero que antes. Desse modo, a busca por prazer desempenhada por meio da nova condição se constrói e se desenvolve a partir de parâmetros até então nunca explorados pelos indivíduos.

### 3.A BUSCA POR PRAZER REALIZADA POR MEIO DA SÍNDROME CONSUMISTA

Se a Modernidade Sólida de outrora se fundamentava na regulamentação, na ordem, na fixidez, a busca por prazer realizada dentro dessa dinâmica social se dava por meio dos mesmos princípios. Os limites do prazer eram delineados e estabelecidos a partir do que Bauman chama de *medida do princípio de realidade*:

A civilização se constrói sobre a renúncia ao instinto [...]. O princípio de prazer está aí reduzido à medida do princípio de realidade e as normas compreendem essa realidade que é a medida do realista. O homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança (BAUMAN, 1998, p. 8).

O projeto de civilização – como Bauman chama a Modernidade – fez com que o indivíduo outorgasse as rédeas de sua história aos “peritos” e às Supremas Repartições, fazendo com que a busca por felicidade, ou a busca por prazer fosse também lançada para um porvir que deveria ser alcançado pelo cumprimento da ordem e dos códigos de conduta dos “povos civilizados”: o princípio de realidade. Pode-se relacionar isso com a Ética kantiana, que renega até mesmo a *eudaimonia* em função do *Dever* e da *Lei*, buscando atingir a *Aufklärung* pela autocoeção e, então, formar um indivíduo autônomo<sup>5</sup>. Como nos exemplifica também Weber acerca dessa mesma condição quando, descrevendo o “Espírito do Capitalismo”, diz que neste período “este é o *summum bonum* dessa ‘ética’: ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, no mais rigoroso resguardo de todo gozo [...], ao tão completamente despido de todos os pontos de vista eudemonistas ou mesmo hedonistas [...]” (WEBER, 2007, p. 46). Essa é a condição que levanta a problemática do *mal-estar na civilização* estudada por Freud, na obra *O Mal-Estar na Civilização* de 1930: a condição de realidade que se choca com os desejos do indivíduo gerando o mal-estar.

Essa busca por prazer realizada nessas condições é, por certo, uma herança da cultura e da Ética do cristianismo ao lançar para além mundo, ou seja, para o Transcendente o verdadeira felicidade, e constituir aqui na terra uma busca incessante por esse *telos* – “buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo mais vos será acrescentado”. Essa herança, porém, não dirige mais o prazer para um além mundo de forma tão enfática como na Ética cristã, mas agora lança o porvir num futuro que deverá ser alcançado pela Razão, pela autocoeção, pelas boas condutas, pelo trabalho duro – pois, nesse caso, o trabalho dignifica o homem –, em suma, pela civilização. Mas, com o advento da variedade líquida da Modernidade, os padrões da busca por prazer foram rigorosamente invertidos pela nova ordem: se outrora o princípio de prazer era reduzido ao princípio de realidade pela ordem racional da civilização moderna, agora o que acontece é o contrário. Nas palavras de Bauman, “nossa hora, contudo, é a da desregulamentação. O princípio de realidade, hoje, tem de se defender no tribunal de justiça onde o princípio de prazer é o juiz que está presidindo” (BAUMAN, 1998, p. 9). Essa inversão realizada na passagem da Modernidade Sólida

---

<sup>5</sup> Conforme a concepção kantiana expressa em: KANT, I. **Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"?(Aufklärung)**. In: Textos Seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

para a Modernidade Líquida é a chave para entendermos como se constrói a nova atividade de busca por prazer.

Podemos dizer que agora os indivíduos trocaram um quinhão de segurança por um quinhão de imensuráveis possibilidades dispostas pela condição líquida, cambiante e efêmera da sociedade líquido-moderna. As Supremas Repartições que regulavam o mundo e estipulavam o princípio de realidade frente ao princípio de prazer agora “não estão mais à vista” e assim, num primeiro momento, o mundo parece se tornar “uma coleção infinita de possibilidades: um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem exploradas ou já perdidas” (BAUMAN, 2001, p. 73). Esse leque de possibilidades que se abre ao indivíduo coloca, então, o princípio de prazer acima do princípio de realidade.

Mas embora essa nova condição pareça ter “libertado” os indivíduos para viverem um *carpe diem* horaciano, longe da “jaula de ferro” burocrática da Modernidade de outrora, as leis de funcionamento das sociedades contemporâneas, embora voláteis e cambiantes, são sujeitadas pela lógica do mercado, modelando, assim, a vivência e as relações humanas: “o mercado agora atua como intermediário nas cansativas atividades de estabelecer e cortar relações interpessoais [...]. Alterar as relações humanas no trabalho e no lar, no domínio público assim como nos mais íntimos domínios privados” (BAUMAN, 2009, p. 115). Essa força coercitiva que adentrou a rede de relações humanas durante o processo de liquefação constrói, então, uma vida para o consumo, ou seja, “que deve se bastar sem normas [pelo menos sem as antigas normas do princípio de realidade]: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e querer voláteis [...]” (BAUMAN, 2001, p. 90). Isso constitui no indivíduo a chamada *síndrome consumista*:

A síndrome consumista consiste antes de tudo na negação enfática da virtude da procrastinação, e da adequação e conveniência de retardar a satisfação [...]. Colocou o valor da novidade acima do valor da permanência. Encurtou drasticamente o lapso de tempo que separa o querer do obter [...], mas também abreviou o surgimento do anseio pelo seu desaparecimento, assim como a estreita brecha que separa a utilidade e a conveniência das posses de sua inutilidade e rejeição. Entre objetos do desejo humano, colocou a apropriação, rapidamente seguida pela remoção de dejetos, no lugar de bens e prazeres duradouros. [...] A *‘síndrome consumista’* é uma questão de velocidade, excesso e desperdício (BAUMAN, 2009, p. 109-110).

O prazer agora não visa mais a um maior período de duração como no Utilitarismo moderno de Bentham e Mill, com o cálculo dos prazeres, ou então, como vimos, protela esse prazer para um provir ou um além-mundo, mas busca por meio da atividade do consumo se realizar no querer ter, e não na necessidade do ter. É como apresenta Érich Fromm em *Ser ou Ter?*: “os consumidores modernos podem identificar-se pela fórmula: eu sou = o que tenho e o que consumo” (1987, p.45). O princípio do descarte, então, é colocado como necessidade básica para uma vida nos padrões da síndrome consumista, evocando relações interpessoais baseadas nos parâmetros da atividade do consumo, ou seja, a relação com o outro é uma relação de consumo, mediada pelas forças cambiantes do mercado, e por isso também é uma

relação de querer e de descarte. A atividade da busca por prazer realizada nesses aspectos é movida, portanto, por esse querer e não pela necessidade real. É a “continuação da corrida”, como diz Bauman, “a satisfatória consciência de permanecer na corrida, que se torna o verdadeiro vício – e não algum prêmio à espera” (BAUMAN, 2001, p. 86). Solidez e durabilidade são agora sinônimos de velharia, de antiquado, de obsoleto. A lei do novo, do leve, do fluido é a nova ordem. E a busca por prazer se norteia agora por esses princípios, realizando-se por meio do consumo na relação com o mundo e na relação com o outro.

#### **4. INCERTEZA, ANGÚSTIA, BUSCA POR PRAZER E CORROSÃO DO CARÁTER**

Até o momento, analisamos a partir do pensamento de Bauman como se desenvolve o funcionamento da chamada Modernidade Líquida, sociedade de consumidores, e como a busca por prazer se dá nela, ou seja, a partir da síndrome consumista. Agora, porém, buscaremos analisar como essa busca por prazer realizada por meio da síndrome consumista se relaciona com o caráter do indivíduo. Para isso, faz-se necessário definirmos a ideia de caráter que estamos considerando neste artigo: a noção de caráter expressa por Richard Sennett:

Os antigos anglófonos, e na verdade escritores que remontam à antiguidade, não tinham dúvida sobre o significado de “caráter”: é o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros. Horácio escreve que o caráter de alguém depende de suas ligações com o mundo. Neste sentido, “caráter” é um termo mais abrangente que seu rebento mais moderno “personalidade”, pois este se refere a desejos e sentimentos que podem apostemar por dentro, sem que ninguém veja. O termo caráter concentra-se sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. Da confusão de sentimentos em que todos estamos em algum momento em particular, procuramos salvar e manter alguns; esses sentimentos sustentáveis servirão a nossos caracteres. Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (SENNETT, 2012, p. 10).

Essa concepção de caráter que Sennett trabalha em sua obra evoca uma compreensão profunda acerca dessa problemática – que fica claro quando diz “um termo muito mais abrangente que seu rebento mais moderno ‘personalidade’” – e que remete a uma concepção ligada a um *ethos*, ou seja, muito mais que determinados traços característicos do indivíduo, mas uma condição de pertencimento e de relação com o mundo. Seu mais importante aspecto é o *longo prazo*, que evidencia as condições de construção do caráter na relação da experiência emocional com o mundo e com o outro. Observa-se, porém, que Sennett não está pensando o caráter a partir de uma tábua de valores e assim emitindo juízos, discriminando bons ou maus caracteres, julgando uns mais elevados que outros. A noção de caráter esboçada por

Sennett é uma concepção, em última instância, ligada à ideia de duração, constância e fixidez<sup>6</sup>.

Para Sennett, desde o mundo antigo<sup>7</sup> até a chamada “velha ética do trabalho” do Capitalismo Pesado – ou também Modernidade Sólida, nos termos de Bauman – foi possível a construção do caráter do indivíduo. Isso porque a condição a longo prazo do processo de construção do caráter podia se realizar nessas dinâmicas sociais, pois as estruturas sociais de relações humanas estavam fundamentadas sempre na solidez própria daquelas condições. Desse modo, o indivíduo “sentia que se tornava o autor de sua vida, e, embora fosse um homem inferior na escala social, essa narrativa lhe dava um senso de respeito próprio” (SENNETT, 2012, p. 14). Essa construção sólida e linear da história do indivíduo que era possibilitada pela dinâmica de funcionamento Modernidade de outrora foi, portanto, condição adequada para a construção do caráter. Porém, com a passagem do Capitalismo Pesado para o Capitalismo Flexível, com sua “nova ética do trabalho” – como nos parâmetros da sociedade líquido-moderna –, o princípio de longo prazo foi, então, substituído pelo princípio de curto prazo – como observamos na análise de Bauman sobre as novas condições sociais de velocidade e descarte. Essa “nova ética do trabalho”, que se estende para a vida humana em sua totalidade, constrói-se sob essa efemeridade cambiante do novo terreno social: um terreno pantanoso.

Vejam a questão do compromisso e da lealdade. “Não há longo prazo” é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. A confiança pode, claro, ser uma questão puramente formal, como quando as pessoas concordam numa transação comercial ou dependem de que as outras observem as regras de um jogo. Mas em geral as experiências mais profundas de confiança são mais informais, como quando as pessoas aprendem uma tarefa difícil ou impossível. Esses laços sociais levam tempo para surgir, enraizando-se devagar nas fendas e brechas das instituições (SENNETT, 2012, p. 24).

Esse processo é o que Sennett chama de *corrosão do caráter*, ou seja, as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo que agem como forças que corroem a condição de caráter anteriormente descrita. A problemática é como ele

---

<sup>6</sup> Segundo o Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano: Propriamente o sinal, ou o conjunto de sinais, que distingue um objeto e permite reconhecê-lo facilmente entre os outros. Em particular, o modo de ser ou de comportar-se habitual e constante de uma pessoa, à medida que individualiza e distingue a própria pessoa. Nesse sentido, dizemos que "Uma pessoa tem um C. bem marcado" ou "bem definido", no sentido de que o seu modo de agir revela orientações habituais e constantes. [...] Para Adler, o C. é a manifestação objetiva, verificável através da experiência social, da própria personalidade humana. Não só o C. é um "conceito social", no sentido de que só se pode falar de C. referindo-se à conexão de um homem com o seu ambiente, mas também os traços ou as disposições que constituem o C. são verificáveis apenas socialmente. As manifestações do C. "são semelhantes a uma linha diretiva que adere ao homem como um esquema e lhe permite, sem muita reflexão, exprimir a sua personalidade original em cada situação" [...]. Essas manifestações não exprimem nenhuma força ou substrato inato, mas são adquiridas, ainda que muito cedo. Substancialmente, o C. é o modo como o homem toma posição diante do mundo natural e social [...] (ABBAGNANO, 1998, p. 116-117).

<sup>7</sup> “no mundo antigo, achava-se que a disciplina autoimposta era a única maneira de enfrentar o caos da natureza. Era a necessidade exigida todo dia dos agricultores” (SENNETT, 2012, p. 119).

expõe indagando: “como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios [...]”? (SENNETT, 2012, p. 27). Essa problemática da nova condição social retira os indivíduos de uma “era de ‘grupos de referência’ predeterminados” circunscrevendo-os em uma de “‘comparação universal’, em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual [...] não está dado de antemão” (BAUMAN, 2001, p. 14). Essa é a condição chamada por Bauman de uma vida líquida:

Em suma: a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta. A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes (BAUMAN, 2009, p. 8).

A vida vivida nessas condições é, portanto, uma constante incerteza, ou seja, uma vida construída sob os imperativos da ansiedade e da angústia. As possibilidades que outrora pareciam “libertadoras” agora se apresentam como objetivos efêmeros que não trazem nenhuma garantia para que sejam seguidos. Essas novas oportunidades incalculáveis que não se fixam não apresentam caminhos para a autoconstrução humana e, portanto, nesse processo de corrosão do caráter, levam os indivíduos a vivenciarem a ansiedade e a angústia diariamente. E se a busca por prazer dentro desse quadro se dá da mesma forma, ou seja, na atividade em curto prazo do querer e do descarte, impulsionados pelas persuasões da lógica do mercado e pela compulsão da síndrome consumista, então temos aqui a clara compreensão de que tal busca por prazer se caracteriza como um fator de corrosão do caráter. Mais que isso, a busca por prazer realizada por meio da síndrome do consumo é também, por outro lado, uma tentativa de solidificar o fluído, ou seja, reconstruir o caráter constantemente corroído: é uma condição ambivalente. Isso se dá porque a busca por prazer realizada através do consumo é denominada por Bauman como sendo um processo de “exorcismo”. Assim, a busca por prazer através do consumo é um modo do indivíduo fugir da ansiedade e da angústia geradas pela incerteza da vida líquida:

Os consumidores podem estar correndo atrás de sensações – táteis, visuais ou olfativas – agradáveis, ou atrás de delícias do paladar prometidas pelos objetos coloridos e brilhantes, expostos nas prateleiras dos supermercados, ou atrás das sensações mais profundas e reconfortantes prometida por um conselheiro especializado. Mas estão também tentando escapar da agonia chamada insegurança. Querem estar, pelo menos uma vez, livres do medo do erro, da negligência ou da incompetência [...]. Ainda que possa ser algo mais, o comprar compulsivo é também um ritual feito à luz do dia para exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites. É, de fato, um ritual diário: os

exorcismos precisam ser repetidos diariamente, porque quase nada é posto nas prateleiras dos supermercados sem um carimbo como “melhor consumir antes de” [...] (BAUMAN, 2001, p. 95-96).

Esse aspecto da busca por prazer através da compra evidencia a problemática dessa atividade, pois evoca, sob a luz do pensamento filosófico, a condição de uma busca por prazer que procura uma autoafirmação, ou seja, que procura “exorcizar os demônios” da ansiedade e da angústia providas da incerteza constante, mas que por outro lado age como um fator de corrosão do caráter: essa sua ambivalência é, portanto, uma aporia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, após as condições apresentadas neste artigo, que apesar da nova condição líquido-moderna das sociedades contemporâneas aparentarem num primeiro momento certa condição de “liberdade” ao libertar os indivíduos dos antigos códigos de conduta das Supremas Repartições e colocar de lado o princípio de realidade em função do princípio de prazer, a busca por prazer realizada dentro nova ordem social regida pela lógica do consumo age como um fator de corrosão do caráter do indivíduo, pois se dá no processo de curto prazo do querer e do descarte, e ratifica esse processo de corrosão através do desempenho dessa mesma atividade.

Por outro lado, percebeu-se também que essa própria atividade da busca por prazer realizada por meio da síndrome consumista constitui o chamado processo de “exorcismo”, que busca realizar a fuga da ansiedade e da angústia providas das incertezas da vida líquida e realizar o processo de autoconstrução desse mesmo caráter. Porém, podemos, assim, perceber que esse aspecto ambivalente da busca por prazer se apresenta como uma enfática aporia, uma vez que, no processo da busca por prazer por meio da compra como “exorcismo”, o indivíduo almeja a autoconstrução, essa mesma atividade age como um processo de corrosão do caráter, dissolvendo essa autoconstrução. Assim, a tentativa de tonar o líquido sólido, quando realizada nos padrões da síndrome consumista, não poderá realizar o trabalho de autoconstrução e formação do caráter do indivíduo pelo principal fato de se dar em uma busca efêmera de curto prazo.

Como proclama Sennett, “talvez a corrosão do caráter seja uma consequência inevitável”, uma vez que as relações mediadas pelo consumo destroem a ideia de longo prazo (2012, p. 33). Enquanto as relações interpessoais continuarem a seguir os parâmetros do querer e do descarte, assim também parece que será, em última instância, impossível fugirmos desse processo de dissolução da autoconstrução de que nos fala Sennett.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AQUINO, S. R. F. de. *Ética e Moral no Pensamento de Bauman*. Cadernos Zygmunt Bauman, São Luís, v. 1, n. 2, p.35-47, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/viewFile/1580/1244>>. Acesso em: 01 nov. 2013

- BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed.70, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Vida Para Consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- DURKHEIM, É. *As Regras do Método Sociológico*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Da Divisão do Trabalho Social*. 4ª São Paulo: Martins Fontes, 2010. Col. "Biblioteca do Pensamento Moderno".
- FROMM, E. *Ter ou Ser?*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. 21ª ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- KANT. *Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"?*(Aufklärung). In: Textos Seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- LIPOVETSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LYOTARD, J. F. *A Condição Pós-Moderna*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.
- SENNETT, R. *A Corrosão Do Caráter: consequências pessoas do trabalho no novo capitalismo*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
- ULLMANN, R. A. *Epicuro: o filósofo da alegria*. 4ª ed. Porto Alegre: ediPUCRS, 2010.
- WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.